

A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E FAMILIAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS DESCENDENTES DE POLONESES: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE DOM FELICIANO /RS - BRASIL.

Sandro de Castro Pitano*
Rozele Borges Nunes**

RESUMO.

Desenvolvido na perspectiva da Geografia Cultural, este trabalho aborda o processo imigratório de poloneses que no século XIX fundaram a Colônia de São Feliciano, atual município de Dom Feliciano, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, e investiga as transformações culturais historicamente provocadas, em sua relação com as educações pública e privada. Considerando o aspecto educacional como um fator responsável tanto pela reprodução como pela transformação dos valores culturais de um grupo, analisa a influência de duas importantes instituições sociais, a família e a escola, no processo de construção da identidade cultural dos descendentes de poloneses. Constatando que a escola não acolhe os costumes tradicionalmente cultivados no ambiente familiar, e o desdobramento da investigação problematiza e destaca o risco simultâneo da invasão e da opressão cultural por parte da instituição que, por princípio, deveria se pautar pela pluralidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, Escola, Família, Identidade, Opressão.

ABSTRACT.

Developed from the perspective of Cultural Geography, this paper addresses the process of immigration of poles in the nineteenth century who founded the colony of San Feliciano, now, called Dom Feliciano Municipality-RS, Brazil, and investigates the cultural transformations brought about historically, in its relationship with the public and private educations. Considering the educational aspect as a factor responsible for both reproduction and the transformation of cultural values of a group, analyzes the influence of two important social institutions, family and school, in the construction of cultural identity of the descendants of poles. Noting that the school does not receive the customs traditionally grown in the family environment, the deployment of research probes and simultaneously highlights the risk of invasion and oppression by the cultural institution that, in principle, should be guided by the plurality.

KEY WORDS: Culture. School. Family. Identity. Oppression.

Introdução

Para compreender os aspectos culturais de um grupo, é necessário inserir-se em seu meio buscando entender as dimensões dos seus sistemas de representação, pois a identidade se constrói a partir dos valores atribuídos simbolicamente. A existência humana, marcada por fatores

históricos, se realiza através da significação dada a determinados objetos e relações. Com isso, toda prática social passa a ser constituída pelos sentidos, indissociável de um paradigma educativo cuja presença nas diferentes sociedades contribui, decisivamente, para que haja organização e continuidade de seus valores. A educação é essencial tanto para construir e consolidar, como

* Professor adjunto do departamento de geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Email: scpitano@gmail.com

** professora do Instituto Federal Sul-Riograndense (IF - SUL). Email: rozele_borges@hotmail.com

para transformar tradições, pondo em relevo o papel da família e da escola, responsáveis pela difusão dos valores culturais, considerando o caráter formativo e socializador que possuem.

Analisar as origens dos processos formadores é fundamental para o entendimento das transformações e diferenças existentes entre os grupos sociais, pois sociedades e espaços se organizam e reajustam com o passar do tempo. Características marcantes no período de fundação de uma sociedade podem não ser mais tão relevantes, ganhando uma importância secundária para as novas gerações. Em decorrência, pode haver o esgotamento ou a permanência de especificidades que vão atribuir características próprias a cada lugar. Esse é o contexto do município de Dom Feliciano, cuja origem foi marcada pela presença do imigrante polonês, seu fundador no século XIX. Os poloneses ocuparam esse espaço enfrentando muitas dificuldades de adaptação, tanto no que corresponde às características geográficas, como também pela vida social, uma vez que eles reproduziam hábitos estranhos a outras culturas espacialmente próximas.

A identidade cultural passa por reformulações em decorrência de diversas mudanças no período histórico e no modo de viver das pessoas. No entanto, o afastamento forçoso das origens, provocado por fatores externos acaba por gerar uma descaracterização cultural, pois contribui para distanciar o indivíduo da sua própria tradição. Nesse sentido cabe à escola, responsável pela socialização, considerar estes aspectos, evitando impor rupturas de valores constituintes da identidade cultural. Enquanto a família exerce uma influência conservadora em relação aos aspectos culturais, a escola, contrariamente, ignora as diferenças que deveria, ao menos, respeitar. Ao ignorar a pluralidade se distancia do seu objetivo que é o de educar para a vida, a partir da realidade social e cultural do educando.

Atualmente, o tempo decorrido do início da imigração polonesa é de 120 anos. Por isso é importante entender a realidade em que vivem os descendentes dos imigrantes, buscando compreender como as suas tradições culturais se apresentam diante de uma sociedade que evoluiu e, gradativamente, os distanciou de suas raízes. A

temática desse estudo centra-se em compreender a cultura do imigrante polonês, constituinte do quadro étnico do município, buscando analisar os traços que caracterizam sua expressividade, dimensionando o papel da família e da escola na transformação dos costumes. É pela construção cultural que os descendentes podem manifestar suas tradições hoje, por isso observou-se aspectos pontuais, tais como: linguagem, gastronomia, religiosidade, festas, músicas e danças polonesas. Assim, a cultura se configura como forma de interpretar a organização social, através das atitudes e valores que vão dar autenticidade às manifestações culturais.

A investigação fundamentou-se em uma análise bibliográfica, buscando apoio em autores que estudaram a imigração polonesa e a constituição do município de Dom Feliciano como Gardolinski (1958), Stawinski (1976), e Dacanal (1980). Realizou-se, também, uma análise em livros didáticos dos ensinamentos fundamental e médio, para investigar como o conteúdo de imigração é apresentado. Essa análise se torna relevante devido ao livro didático ser um recurso muito utilizado nas práticas de ensino em sala de aula.

Elaborada a estrutura teórica, partiu-se para a coleta de dados como forma de compreender aspectos da realidade, de acordo com o problema de pesquisa, que busca investigar a influência da família e da escola para a construção da identidade cultural polonesa no município de Dom Feliciano. Por meio da análise documental, foram coletados dados na Escola Padre Constantino, na Prefeitura Municipal de Dom Feliciano e na Casa da Cultura do Imigrante, onde existe a Biblioteca Pública e o Museu Municipal, que contém um acervo diversificado de artefatos trazido da colônia pelos imigrantes.

Para entrar diretamente em contato com a vivência dos descendentes de poloneses foi realizado o trabalho de campo, composto por observações diretas, verificando como se apresentam os aspectos culturais no ambiente familiar, o que ocorreu em conjunto com as entrevistas do tipo semiestruturado. O encontro dialógico com as famílias proporcionou abertura para o surgimento de novas informações e posicionamentos por parte dos sujeitos. Foram

entrevistadas cinco famílias na zona rural e três na área urbana de Dom Feliciano, com objetivo de compreender as relações que o convívio familiar estabelece com os aspectos culturais da sua própria tradição.

Como recorte temporal se utilizou o período desde a fundação de Colônia de São Feliciano (1890) até os dias atuais. Certas informações foram possíveis porque ficaram retidas na memória dos descendentes, passadas de uma geração à outra através da história oral, processo semelhante ao que ocorre com alguns de seus costumes típicos. Ao mesmo tempo baseou-se em referenciais teóricos, como Hall (2000), Woodward (2000) e Silva (2000), buscando aprofundar a compreensão da identidade e suas representações em torno da linguagem, gastronomia, religião, festas, danças, músicas e canto polônês.

Procurou-se investigar o vínculo entre a cultura polonesa e as ações formativas no interior da escola e da família, com ênfase na compreensão e no dimensionamento de como ambas estão contribuindo para a conservação ou transformação da identidade cultural. Em que medida a família resgata suas tradições, suas particularidades culturais na convivência cotidiana? Verificou-se, por exemplo, se o grupo familiar ainda fala e incentiva os filhos a falarem a língua polonesa; como a religião, antes tão cultuada pelos imigrantes se apresenta atualmente, e que importância a gastronomia, artes e festas polonesas possuem no cotidiano das famílias.

Na escola, o enfoque maior foi sobre imigração, conteúdo trabalhado nas aulas de Geografia, visando compreender se a instituição contribui para que os descendentes se percebam e aceitem como tais, em uma sociedade que se torna cada vez mais homogênea. A análise na escola ainda abordou a religiosidade, base histórica do processo educacional no município. A atuação, como professores, de imigrantes e de padres vindos da Polônia contribuiu para consolidar localmente a instituição e, ao mesmo tempo, fortalecer o catolicismo. Por isso, buscou-se verificar se e como estas representações se configuram atualmente e que influências ocasionaram na escola.

A imigração polonesa

Ao chegar à região de São Feliciano, o colono de origem estrangeira deparou-se com densas matas do Escudo Cristalino Sul Rio-grandense, precisando abrir caminhos para ali se estabelecer com os seus familiares. Além dos poloneses, outros imigrantes foram trazidos para o Brasil com o intuito de substituírem o trabalho escravo, abolido em 1888. Após essa data ocorre o incentivo do governo brasileiro para a vinda de estrangeiros, seduzidos com a oportunidade de terem a sua própria terra. Segundo Lando & Barros (1980, p. 16):

O sistema escravocrata tornara-se um obstáculo para o desenvolvimento pleno do modo capitalista de produção, na medida em que se tornava imprescindível nessas condições, uma mão-de-obra livre, que vendesse apenas a sua força de trabalho e que, ao mesmo tempo, alargasse as possibilidades de expansão do mercado interno.

Evidencia-se que o trabalho assalariado se tornou a alavanca do sistema capitalista, pois o trabalhador “vende” seu trabalho e “troca” por mercadoria. Merece destaque, também, a Lei de Terras, de 1850, pela qual a terra não poderia ser obtida por outro meio que não fosse a compra. Esses dois fatores, Lei de Terras e Lei Áurea, irão contribuir para a desintegração parcial do sistema latifundiário no Rio Grande do Sul e consolidação da pequena propriedade rural baseada em novas relações de produção e fortemente vinculada à agricultura familiar¹, com a produção de gêneros agrícolas destinados à subsistência.

A pequena propriedade aumentou consideravelmente com a vinda dos imigrantes. Os colonos poloneses tinham o intuito de vir para o Brasil para melhorar de vida e alguns já traziam o dinheiro para comprar as próprias terras. Muitos fugiam das situações precárias que viviam, outros, de uma Alemanha que se tornava cada vez mais ambiciosa e ameaçadora, deflagrando em 1939

a Segunda Guerra Mundial a partir da invasão do território polonês. As viagens para o Brasil, em grande parte eram patrocinadas por firmas particulares que visavam, principalmente, a obtenção de mão de obra.

Os imigrantes, por serem pobres, tinham de se acomodar em cabines de terceira classe, na maioria das vezes, amontoados e sujeitos às inúmeras doenças que poderiam contrair no percurso de uma viagem tão longa. Muitos, provavelmente, ficavam no caminho. Stawinski (1976, p. 24) explica como ocorreu esse transporte:

As famílias dos emigrantes eram instaladas nos porões da terceira classe. Repetiam-se, aqui, as cenas dos tristemente célebres navios "negreiros" empregados outrora no tráfico dos escravos africanos. Do continente europeu até o Brasil a travessia do oceano não se fazia então em menos de 20 dias. Acomodados de qualquer jeito e sem nenhum conforto num navio relativamente pequeno, as famílias sentiam o primeiro impacto das saudades do torrão natal e das tremendas apreensões com relação às incertezas de seu destino.

Após a chegada, os imigrantes ficavam alojados em barracões por vários dias – período de quarentena – para que houvesse a inspeção sanitária, havendo uma distinção entre os que vinham para trabalhar como mão-de-obra e os que iriam trabalhar em suas próprias terras, através da concessão dos lotes coloniais. No caso dos poloneses, o destino da maioria era trabalhar em suas próprias terras. Na colônia de São Feliciano o lote correspondia a aproximadamente 25 hectares, que deveria ser recompensado pelos imigrantes nos anos seguintes.

Cabe salientar que em relação à imigração polonesa existe um número reduzido de fontes. Os estudos sobre imigração são majoritariamente direcionados para a vinda de italianos e alemães, pelo fato desses países serem hegemônicos na época. Era comum os poloneses virem para o Brasil declarando outra nacionalidade.

[...] os países europeus, ao permitirem a saída de seus súditos, forneciam-lhes os documentos legais, que, evidentemente, traduziam a sua procedência de origem, ou seja, a sua nacionalidade. Entretanto, [...] a Polônia em pleno século XIX, ou seja, na época da verdadeira "febre imigratória para o Brasil" não existia como um país livre e soberano. (GARDOLINSKI, 1958, p. 05)

Naquela época a Polônia passava por fortes turbulências internas, uma vez que no século XVII fora invadida pelos seus três poderosos vizinhos – Rússia, Áustria e Prússia. Quando a imigração polonesa começou para o Brasil não existia o Estado Polonês, somente a nação. Portanto, foram das regiões ocupadas que partiram os primeiros imigrantes, pois além de ocuparem essa região, os invasores germânicos impuseram severas perseguições aos poloneses. Por isso os imigrantes tinham de usar documentos que os definissem como cidadãos de nacionalidade alemã, austríaca ou russa. No entanto, ao aqui chegarem e se estabelecerem reproduziam certos hábitos e costumes típicos entre os povos de cultura polonesa, o que revelava a sua efetiva procedência. Segundo Stawinski (1976, p. 22):

Seja como for, o certo é que no Brasil são considerados imigrantes poloneses os que vieram para cá falando a língua polonesa, trazendo nas veias sangue polonês e declarando-se poloneses, apesar de seus passaportes terem sido emitidos por autoridades russas, prussianas ou austríacas. Admitida essa realidade étnica, justificam-se, em parte, as falhas que acompanharam a fixação da imigração polonesa no solo brasileiro.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre os anos de 1885 e 1937 a origem dos imigrantes vindos para o Rio Grande do Sul era a seguinte:

Poloneses	Russos	Alemães	Austríacos
23.796	19.525	43.115	4.779

Fonte: GARDOLINSKI, 1958.

A análise desses dados à luz da distorção quanto à origem revela que os números podem não corresponder à realidade. A quantidade de poloneses vindos para o Brasil era muito maior, havendo sujeitos dessa nacionalidade inseridos entre os austríacos, alemães e principalmente entre os russos, pois a Polônia vivia sobre a dominação russa até o ano de 1918.

O início do processo imigratório é marcado pela questão política da Polônia, devido ao alargamento das fronteiras pelos países vizinhos que também tinham interesse em suas terras férteis. Assim, o povo polonês buscava refugiar-se em outro país, onde pudesse fugir das perseguições e manter seu patriotismo e religiosidade, almejando melhores condições de vida e trabalho. No ano de 1890 a imigração polonesa para o Brasil, a "Nova Polônia" de acordo com Gardolinski (1958), atingiu seu ponto máximo (até 1894 vieram cerca de 63.500 colonos). Porém, chegando ao Brasil, a realidade encontrada nem sempre correspondia às expectativas, conforme relata Stawinski (1976, p. 25):

Os que imaginavam encontrar aqui casas de moradia e terras já trabalhadas para o plantio de cereais, ficaram sabendo que seriam enviados para florestas sem casas, sem estradas, sem igrejas, sem escolas, sem hospitais... Daí, o primeiro impacto com a dura realidade deixou-os apreensivos, alarmados. Não tendo outra saída, viram-se obrigados a aceitar quaisquer condições. Nessa conjuntura nada mais os interessava, a não ser o fixarem-se, quanto antes, num pedaço de terra e aí organizar a própria vida. Por isso não cabiam em si de contentes, quando, embarcados em paquetes, deixavam a Ilha das Flores em demanda dos lotes que lhes tinham sido destinados. Nem todos, porém, eram encaminhados para o mesmo destino [...]. A maioria, porém, era

encaminhada para Porto Alegre. Findava, assim, a segunda etapa do penoso calvário dessa leva de imigrantes poloneses.

Os poloneses enfrentaram graves dificuldades ao chegarem ao Rio Grande do Sul, pois encontraram uma região de ocupação bem diferente da que lhes fora prometida. A falta de instrumentos agrícolas tornava muito sacrificante a atividade nas lavouras, a mesma que o colono costumava desenvolver na Polônia. Além disso, não havia, inicialmente, nem como escoar a produção. Para isso, eles teriam de abrir estradas com o pouco material que dispunham para não ficarem isolados na floresta. Assim, o espaço geográfico se reconfigurava, ganhando novas formas, originando a vila e posteriormente a cidade de Dom Feliciano. Todo esse processo foi alicerçado pela fé, pois desde o início da imigração os religiosos vieram acompanhando os fiéis, amparando-os para que pudessem transpor os obstáculos. Até hoje o município dispõe de religiosos originários da Polônia. Com eles foi possível o surgimento das capelas, igrejas, escolas, hospitais e centros comunitários para que houvesse a estruturação da vida social.

O município de Dom Feliciano está localizado na Região Sudeste do Rio Grande do Sul, na encosta do Escudo Cristalino Sul Rio-grandense. Em dois de abril de 1861 o presidente da então "Província de São Pedro" criou a Colônia de São Feliciano². A ocupação camponesa da região se deu em 1874, quando vieram os imigrantes franceses, os quais logo se transferiram para Pelotas com o intuito de melhor comercializar os seus produtos. Em 1890 chegaram os imigrantes poloneses e se estabeleceram nessa mesma área. Quando desembarcaram em Porto Alegre, o Departamento de Terras e Colonização logo os encaminhou para a Colônia de São Feliciano. Alguns viajaram a pé, outros em carroças e em burros carregados de

balaios. As sementes de cereais foram distribuídas gratuitamente para o primeiro ano de plantio (TWORKOWSKI, 1984).

À margem direita do arroio Sutil, afluente do rio Camaquã que podia ser navegado durante o inverno, os colonos formaram um povoado. Eles poderiam utilizar o rio para o escoamento da produção, comercializando com as regiões vizinhas e que eram mais prósperas. Nesse local, iniciaram também as chamadas "linhas", e em cada uma delas formaram uma comunidade, com escola e capela. É importante salientar que os poloneses sempre manifestaram forte religiosidade e fé, o que pode ser identificado pela presença da Cruz dos Imigrantes, marco em homenagem aos colonizadores poloneses, junto ao qual celebraram sua chegada a Dom Feliciano. Atualmente, nesse local, também existe um monumento a Nossa Senhora de Czestochowa inaugurado no ano de 2007, de onde se pode observar toda a cidade.

Logo que se estabeleceram, os poloneses começaram a construção de uma capela provisória de madeira e solicitaram ao Bispo de Porto Alegre a vinda de um sacerdote para lhes dar assistência religiosa. A construção desta capela data de 1891, o que evidencia a devoção desse povo, pois a construíram um ano após a chegada na região. Em 1906 iniciaram a construção da igreja matriz, hoje santuário de Nossa Senhora de Czestochowa, padroeira da paróquia e do município.

Havia também o interesse dos padres e moradores pela educação dos jovens. Após a construção das capelas, imediatamente buscavam estruturar a escola, onde os moradores que detinham mais conhecimento eram escolhidos para ensinar os outros. O ensino era, na maioria das vezes, orientado por padres, o que permite concluir que a educação estava diretamente relacionada ao catolicismo. De acordo com Topaczewski (1961, p. 19), "Numa centena de imigrantes, dificilmente encontravam-se dois ou três que soubessem assinar seu nome." De início, as aulas eram ministradas nas próprias casas, barracões ou em algum lugar que fosse apropriado. Depois em escolas – sociedades – mantidas pelos próprios colonos, chamadas de particulares. Até o ano de 1916, de acordo com Tworkowski (1984), havia somente escolas particulares, pois os pais não queriam que os filhos passassem pelas mesmas condições que eles na Polônia, quando as escolas

foram fechadas pelo governo russo.

Família e escola na construção da identidade cultural

Para melhor conhecer as características culturais dos descendentes de poloneses foi realizada a pesquisa de campo, totalizando um número de oito entrevistas com famílias distribuídas tanto na zona rural como na área urbana, o que proporcionou observar em detalhes o ambiente familiar. Cinco famílias localizam-se no interior e três na cidade. A diferença na distribuição se justifica em função de Dom Feliciano possuir a maioria de sua população residente na zona rural do município. Segundo dados do IBGE, 2000 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população rural do município é de 10.745 habitantes e a urbana é de 2.552 habitantes

Das entrevistas realizadas no interior, duas foram na localidade do Caminho Novo, uma na Linha Amaral Ferrador, uma na Linha Assis Brasil e uma na Linha Evaristo Teixeira. Cabe enfatizar que uma das três entrevistas na cidade não seguiu o mesmo parâmetro das demais, pelo fato de ter sido entrevistada uma pessoa da paróquia de Nossa Senhora de Czestochowa, como forma de avançar na compreensão de como a religiosidade é percebida pelos membros da igreja.

O objetivo de realizar as entrevistas em diferentes localidades se deve à relevância de estabelecer contato com descendentes de poloneses em diferentes graus de parentesco, para observar se existe a permanência de certos traços culturais, analisando suas manifestações na família e a importância na identidade cultural dos filhos. Assim, foi entrevistada a família 1 na Linha Evaristo Teixeira, a família 2 no Caminho Novo, 3 também no Caminho Novo, a família 4 na Linha Assis Brasil e a família 5 na Linha Amaral Ferrador.

Na cidade de Dom Feliciano foram entrevistadas as famílias 6 e 7, além de um religioso da paróquia, considerada a entrevista 8. Os questionamentos elencavam como tópicos principais a história da imigração, os costumes poloneses praticados pela família, como se dá a educação dos filhos, a questão da linguagem,

a religiosidade, a importância da escola nesse contexto e o vínculo com a tradição cultural.

A investigação junto aos sujeitos buscou identificar os sistemas representativos que fazem parte da vida familiar, observando como isto se manifesta no aprendizado dos filhos e o papel da escola, segundo a concepção da família, no processo de manutenção/ transformação das tradições culturais. Assim, os significados atribuídos a determinados aspectos como religião, comida, linguagem e outros costumes, irão se constituir em formas de manifestação da identidade cultural polonesa. De acordo com Woodward (2000, p. 41):

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por "cultura".

Nesta perspectiva, para a análise dos dados obtidos junto às famílias foi desconsiderada a entrevista 8, pois ela não segue os mesmos objetivos das demais. No que tange ao grau de parentesco com os imigrantes poloneses, 57% dos entrevistados pertencem à quarta geração³ e 43% à terceira. Considerou-se que pela proximidade de parentesco com os imigrantes, as famílias entrevistadas contribuíram bastante com a questão de pesquisa. Na coleta de dados, priorizou-se a pessoa que mais colaborou durante a entrevista, embora a atenção tenha sido dirigida a todos que participaram do diálogo, além da observação direta dos diferentes espaços familiares.

Instigados sobre a história de seus antepassados, constata-se que, nas entrevistas realizadas na cidade de Dom Feliciano e em uma realizada em uma localidade bem próxima – Linha Evaristo Teixeira – as pessoas sabem da história que é contada nos livros sobre a imigração polonesa. Confirma-se isso pela entrevista 6, quando o entrevistado enfatiza que os imigrantes

vieram da região de Lublin, perto de Varsóvia; na entrevista 7 o entrevistado explica que os poloneses vieram porque a Polônia estava dividida entre as potências da época e na entrevista 1, os entrevistados confirmaram saber apenas o que lêem nos livros. Já no interior (zona rural) ocorre uma distinção, pois todos afirmaram lembrar o que seus antepassados, os bisavôs, avôs e pais falavam. Percebeu-se a existência de uma maior originalidade nos relatos oriundos das entrevistas na zona rural, devido à presença da história oral.

Os relatos manifestaram as dificuldades no trajeto até o Brasil, as propostas que foram feitas pelo governo, a divulgação do nosso país na Polônia e os problemas de instalação devido a existência da densa floresta. Essas observações vão ao encontro do suporte teórico que fundamentou a parte histórica da pesquisa e se tornam importantes por abrangerem uma escala local, dando ênfase à realidade do lugar.

No que concerne aos costumes poloneses praticados em casa, a gastronomia se sobressaiu nas entrevistas, dando destaque ao preparo da czarnina⁴ em todas (sete) as entrevistas. Na entrevista 7 houve o relato de que não existe uma comida específica polonesa feita em casa, embora a czarnina seja preparada eventualmente. Os que enfatizaram a importância da comida lembraram, também, de outros costumes. Dois dos entrevistados mencionaram a tradição de irem às festas da paróquia de Nossa Senhora de Czestochowa e três conhecem a tradição do Pisank⁵, realizada pela Casa da Cultura, mas enfatizam que esta não é uma prática familiar. Em três entrevistas sobressaiu-se as iniciativas organizadas pela BRASPOL (entidade que congrega brasileiros descendentes de Poloneses no Brasil), como o Café Polonês (*Podwieczorek kulturalny ou Polski*) e o Almoço Polonês (*Obiad Polski*). São famílias residentes na cidade de Dom Feliciano e uma na Linha Evaristo Teixeira, bem próximo da cidade. Destas, duas enfatizaram a música polonesa e o Baile Polonês, e uma salientou também como costume o canto e a dança polonesa.

Constata-se que as novas iniciativas não são citadas pelas famílias que residem distante da cidade e que estas destacam somente costumes mais tradicionais, passados de geração a geração,

como a comida. Como enfatiza Woodward (2000, p. 42), "aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias". Já na cidade e próximo dela, os entrevistados salientam, além da comida, as ações organizadas como forma de promover um resgate cultural, como o almoço, o café e o baile polonês que congregam os diversos aspectos dessa cultura, pela variedade de comida, música e dança polonesa.

Sobre a questão da linguagem, 86% dos entrevistados disseram saber falar o polonês que seus pais falavam e 14% não sabem nada em polonês. Dos que falam, apenas um entrevistado busca meios de aprimorar sua linguagem, através de atualizações. Das famílias entrevistadas, quatro possuem filhos morando em casa, e destas, em duas os filhos não gostam de falar o polonês. Os pais disseram que eles sentem vergonha de falar. Em uma os filhos não sabem nada em polonês e em apenas uma família todos falam o polonês em casa. Nesta as crianças aprenderam o português somente quando foram para a escola, o que gerou a reprovação na 1ª série. Assim, ficou perceptível que está havendo uma supressão da tradição cultural, por meio da linguagem, a cada geração.

A escola é apontada em 71,5% das entrevistas por não dar incentivo necessário para que as crianças continuem tendo o hábito de falarem o polonês. Para 14,5% das famílias a escola não desestimula, embora as crianças não aprendam o polonês. E 14,5% consideram que dar incentivo não é papel da escola, mas sim dos pais que devem ensinar as duas línguas.

É perceptível que a escola deveria desenvolver iniciativas direcionadas para as crianças que somente sabem falar o polonês, como forma de não gerar uma ruptura linguística tão grande quando as crianças começam a frequentá-la. Isso pode ocasionar vergonha e desinteresse pela cultura, gerando o afastamento de suas origens, como foi citado pelas famílias nas entrevistas.

Além disso, muitas vezes a escola distancia o aluno da sua realidade, o que é percebido, também, pela análise nos livros didáticos, nos quais as questões referentes à imigração são colocadas,

não raro, de forma superficial. Um professor que somente utiliza esse material, por exemplo, acaba por não problematizar aspectos relacionados com a experiência de vida dos alunos, pertinentes para o enriquecimento cultural nas aulas. Em decorrência, a escola se mantém distante dos diferentes hábitos culturais ou, simplesmente, os ignora. Segundo os dados obtidos é isso que está acontecendo, pois a instituição é considerada um dos fatores principais que geram o desinteresse das crianças pela língua polonesa, exatamente em função choque que ocasiona e por não integrar as diferenças dos alunos ao seu contexto. De acordo com Silva (2000, p. 100):

[...] Uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benevolentes declarações de boa vontade para com a diferença. Ela tem que colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-la.

Quanto à questão da religiosidade na escola, os entrevistados acrescentaram que antigamente, no tempo que estudaram, o ensino e a religião estavam intrinsecamente ligados. Isso ocorria porque as aulas eram supervisionadas, em muitos lugares, por padres e os próprios professores e a família estavam muito vinculados à questão religiosa, havendo grande interação entre a família e a escola. Os pais percebiam, por exemplo, quando havia a necessidade de construir uma escola e a organizavam.

Atualmente, constata-se o enfraquecimento desse vínculo, pois as escolas possuem um caráter público e laico no município. A família já não participa tanto do cotidiano da escola. Na entrevista realizada com um membro da igreja, houve o relato de que a religião está muito enfraquecida pela falta de interesse das famílias, que estão deixando de participar das missas e isso se reflete também nas crianças. Já 71% das famílias entrevistadas enfatizaram que a religião é ensinada em casa para os filhos, onde há uma grande manifestação de fé, percebida pela presença de quadros do papa, quadros de santas polonesas e imagens de Nossa Senhora de Czestochowa. Durkheim *apud* Woodward (2000, p. 41) lembra

que “a religião é algo eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que expressam realidades coletivas”. Assim, a manifestação religiosa é coletiva, sendo possível considerar que está ocorrendo um distanciamento das famílias em relação à igreja. Dos entrevistados 43% afirmaram que está havendo um vínculo, cada vez maior, da igreja com o capital.

Quanto à expressão maior da cultura polonesa atualmente, 71% dos entrevistados citaram a religiosidade como exemplo principal e 29% acreditam que a maior forma de manifestação está na música e na dança polonesa. Cabe considerar que as pessoas que disseram ser a religiosidade a maior expressão da cultura são todas residentes no interior do município e as que enfatizaram a música e a dança moram na cidade. Assim, na análise dos dados, de maneira geral, foi possível constatar a mudança de concepção que existe devido ao local onde as pessoas vivem e que a representatividade atribuída a certos aspectos, muitas vezes, é coletiva.

Considerações finais

Pode-se afirmar que a identidade cultural dos descendentes de poloneses sofreu muitas alterações desde o início do processo migratório. Essas modificações puderam ser identificadas porque está havendo uma diminuição, principalmente, no uso da linguagem pelas gerações mais recentes, paralelo ao enfraquecimento na prática da religião, que era muito influente entre os imigrantes. Entretanto, na família, há uma grande expressividade da fé, manifestada pela importância atribuída símbolos como quadros do papa e de santas polonesas, crucifixos e rosários.

Foi possível evidenciar pela quantidade de descendentes poloneses nas escolas, que estes não são mais a maioria étnica do município, como no início da colonização. Na família, embora os pais ainda se comuniquem em polônês, as crianças evitam falar essa língua, provavelmente, pelo fato de se sentirem “diferentes” diante da maioria das pessoas que não falam, constituindo indício de opressão cultural. Não há incentivo da escola para que eles percebam a importância

de se reconhecerem como descendentes. Como agravante, as crianças que vão para a escola falando somente o polônês sofrem um choque lingüístico muito grande quando se deparam com a única língua falada, a portuguesa, que forçosamente, precisam dominar.

Assim, em um município que surgiu pela imigração, a escola ignora as diferenças culturais existentes em seu contexto. Conseqüentemente, oprime culturas como a polonesa, cultivada pelos descendentes, impondo a massificação dos costumes e modos de vida. Ao fazê-lo, se distancia da possível formação de sujeitos conscientes, críticos e tolerantes às diferenças, ao desrespeitar a origem e a manutenção de seus costumes. Nesse contexto, a escola socializa o educando não pela reprodução dos seus valores e de suas experiências de vida, mas pelo que é hegemônico na sociedade. Cabe enfatizar que o conteúdo de imigração apresentado nos livros didáticos adotados pelas escolas locais é muito superficial e não abriga todas as diferenças culturais. Por isso, é importante que o professor tenha o livro como um material que complemente ou auxilie no processo pedagógico, nunca como o único orientador da aprendizagem.

A família apresenta um papel de “manutenção” da cultura polonesa quando comparada à escola, que gera um distanciamento e força a adaptação a outros hábitos. Pode-se verificar que a família mantém fortes traços de representação da cultura, principalmente na gastronomia, na linguagem, nas expressões de fé e na história que foi repassada através dos antepassados. Conforme Hall (1999, p. 89) os descendentes de imigrantes:

[...] são o produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintamente novos produzidos na era da modernidade tardia. Há muitos outros exemplos a serem descobertos.

Todos esses aspectos pontuados por Hall

também fazem parte da realidade dos imigrantes e de seus descendentes nesse novo lugar, onde primeiramente tentaram reproduzir e formar uma “Polônia ideal”, imprimindo na paisagem e na vida social, modelos utilizados naquele país. Como estavam distantes da sua pátria queriam torná-la mais próxima, através da importância simbólica de suas representações culturais. Paulatinamente ocorreu a adaptação a outras culturas para que pudessem conviver em sociedade.

A pesquisa permitiu verificar, também, que existe uma diferença na maneira de pensar dos poloneses que vivem na cidade e no interior, revelando duas dimensões de uma mesma cultura. No interior percebe-se uma maior originalidade cultural, explicitada, principalmente, pela linguagem e reforçada pelo conhecimento repassado por gerações, graças à história oral. Já na cidade, ocorrem as iniciativas de resgate cultural e o aprimoramento da linguagem, pois o nível das transformações é bem mais profundo. É nítida a necessidade de ligação entre essas realidades distintas, pois é preciso unir a história, a linguagem do período migratório e os costumes típicos do interior ao resgate cultural realizado na cidade. Há também uma dificuldade muito grande com a escrita: no interior, as pessoas não possuem livros e sabem falar em polonês. A maioria pensa que a

cultura e os hábitos poloneses não vão durar muito tempo, diferente do posicionamento das pessoas residentes na cidade.

É possível afirmar que a maior expressão da cultura polonesa no município ainda é a religiosidade, mesmo que esta se apresente enfraquecida na prática. No que tange à separação entre escola e religião, enfatizada de forma negativa pelas famílias, evidencia-se que as modificações ocorridas historicamente contribuíram para que isso acontecesse, pois as escolas deixaram de ser particulares e organizadas pelas próprias famílias. Outras religiões surgem no município, oferecendo resistência à imposição de uma única crença no interior da escola.

Portanto, é possível concluir que a família e a escola não apresentam o mesmo papel para a construção da identidade cultural polonesa. A cultura passa por modificações porque a própria identidade está encadeada por um processo e sofre alterações continuamente, em cada período histórico. Com isso, é preciso resgatar os resquícios dessa cultura, existentes na sociedade atual, para que a história não se perca através do tempo. Cabe enfatizar o local, pelo que este apresenta de peculiar, pois o sentimento de pertencimento à identidade polonesa ainda faz parte da realidade dos descendentes, que buscam cultivar hábitos de sua origem.

Notas.

1. Essas pequenas propriedades possuem como característica a produção de diferentes culturas e a multifuncionalidade, uma vez que o proprietário trabalha e é o gestor de toda a sua produção.
2. Em 1891 a Colônia de São Feliciano passou a ser 5º distrito de Encruzilhada do Sul, no ano de 1938 passou a se chamar Dom Feliciano em homenagem ao primeiro bispo do Rio grande do Sul, Dom Feliciano José Rodrigues Prates, vindo a emancipar-se no ano de 1963.
3. A quarta geração citada no texto corresponde dizer que os bisavôs dos entrevistados eram imigrantes poloneses que se instalaram na Colônia de São Feliciano. Já a terceira geração corresponde aos avôs dos entrevistados.
4. Comida típica polonesa, preparada com sangue de pato. Como é uma comida forte, era ingerida na Polônia antes de irem para guerra.
5. Ovo de galinha pintando à mão representando a simbologia da Páscoa.

Bibliografia

DACANAL, José Hildebrando (org.). **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

GARDOLINSKI, Edmundo. **“Imigração e Colonização Polonesa”**. IN: BECKER, Klaus.

Imigração – Enciclopédia Rio-grandense. Canoas: Regional Ltda,1958.

Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e Colonização Polonesa no Rio Grande do sul: a emergência do preconceito.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **"Quem precisa de Identidade?"** IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

STAWINSKI, Alberto Victor. **Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975).** Caxias do Sul: UCS, 1976.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

TOPACZEWSKI, Ladislau. **Memórias de Nosso Torrão Natal.** Dom Feliciano, 1961.

IBGE, 2000 pesquisado em <[www. Ibge.gov. br](http://www.Ibge.gov.br)>(censo) em 15/08/08.

TWORKOWSKI, Irene & RAKOWSKI, Zeno. **Dom Feliciano.** Dom Feliciano, 1984.

LANDO, Aldair Marli & BARROS, Eliane Cruxên. **"Capitalismo e colonização"**. IN: PESAVENTO,

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

